



Memórias¹

Glückel von Hameln*

Início este quinto livro, queridos filhos, com o coração confrangido, pois tenciono contar-vos, do começo ao fim, a doença e a morte de nosso querido pai. À noite do dia 19 de Tebet de 1689, vosso pai foi à cidade ultimar uns negócios com um comerciante. Perto da casa deste, tropeçou e caiu em cima de uma pedra pontiaguda. Machucou-se tão gravemente que todos nós ficamos alarmados. Veio para casa muito mal. [...] Logo de início não soubemos (ai, meu Deus!) a verdadeira natureza do ferimento. Ele sofrera muito de uma hérnia e, ao tropeçar, feriu-se exatamente no lugar da ruptura, o que revolveu gravemente suas entranhas. [...] Ao raiar do dia eu lhe disse: – Louvado seja Deus! A noite passou e agora vou mandar chamar um médico e um operador de hérnias. Mas ele não quis e pediu para chamar o sefardita Abraão López, médico e barbeiro-cirurgião. Mandei buscá-lo imediatamente. [...] Isto foi na quarta-feira bem cedo. O doutor López aplicou o remédio pensando que iria curá-lo em pouco tempo. [...] Na quinta-feira chamei outro operador de hérnias e mais dois médicos. Um deles era o doutor Fonseca. Ele me disse: — É bem pouco o que posso dizer ou fazer. Infelizmente as vísceras estão emaranhadas e ele não poderá evacuar. [...] Quanto a mim, já sabia qual a minha sorte. Tinha-a diante dos olhos. [...] Mais tarde vieram outros médicos e operadores. Mas não puderam fazer nada. Pelo fim do *schabes* (sábado) não ficou mais ninguém, exceto o doutor López. [...] Não havia nada a fazer. Diante disso, eu disse a meu marido: — Meu amor, devo abraçá-lo? Estou impura. — Pois eu estava no período em que não ousava tocá-lo. Ele me disse: — Deus o proíbe, minha filha. Mas eu não irei antes de tua purificação. — Mas, ai de mim! Já era muito tarde. [...] Que devo escrever, meus caros filhos, acerca de todas as nossas amarguras? Eu, que sempre permanecera em tão alto conceito diante de seus olhos, via-me agora abandonada com oito dos meus doze filhos e dentre eles a minha filha Ester, noiva: Queira Deus ter pena de nós e ser o Pai de meus filhos, Ele que é o Pai dos órfãos! [...] Domingo, 24 de Tebet, 5449 [16 de janeiro de 1689], ele foi enterrado com todas as honras. A comunidade inteira foi abalada pela mágoa e pesar desse súbito golpe. Com meus filhos reunidos em torno de mim, fiquei sentada no chão durante os sete dias de pranto. Deve ter sido um triste espetáculo ver-me assim com meus doze filhos órfãos. Logo indicamos dez homens para as orações diárias na casa dos prantos. Incumbimos homens doutos de ensinarem a *Torá*, dia e noite, durante o ano todo. Por falta disso, ninguém me pode censurar. E as crianças recitaram regularmente o *kadisch* pelo pai falecido. E não houve homem ou mulher que não viesse diariamente



confortar-nos em nosso desespero.²

* **Glückel von Hameln** (1646-1724), nasceu em Hamburgo, Alemanha. Chamada de cronista de Hameln, escreveu, após a morte de seu marido, o livro de memórias que se tornaria um clássico atemporal, revelando muito sobre a vida judaica na Alemanha do século 17.

Notas

¹ Extraído de “Minhas alegrias e tristezas”. (In: *Antologia Judaica*, organizada por Carlos Ortiz e Jacó Guinsburg. São Paulo: Ed. Rampa, 1948.), uma versão desta tradução foi publicada originalmente em *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*, de Jacó Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. p. 49-50. A *Arquivo Maaravi* agradece a autorização de sua republicação.

² De extraordinário interesse literário, linguístico, sociocultural e histórico é, pois, esse texto que substituiu somente em algumas cópias manuscritas até o fim do século XIX, quando o original ídiche, com uma análise introdutória em alemão foi publicado pelo renomado pesquisador David Kaufmann sob o título de *Memoiren Glückel von Hameln* (Budapeste, 1896). Seguiram-se, em nosso século, traduções para o hebraico, o alemão e o inglês, bem como o exame da obra por diversos estudos acadêmicos. Em ídiche moderno, porém, as *Zikhroines* (Memórias) da cronista de Hameln e do mundo do velho ídiche ocidental só vieram a circular em 1967, graças ao trabalho de S. Rojânski no YIVO argentino, Instituto Científico Ídiche, e de seu empenho de preservar as obras que construíram os marcos da literatura de Aschkenaz. (Notas e tradução: Jacó Guinsburg).